Pandemia da Covid-19 e as repercussões sobre comunidades ribeirinhas da Amazônia Marajoara: notas sobre o município de Portel/PA

COVID-19 Pandemic and Its Repercussions for Riverine Communities in the Marajó Amazon: Notes on the Municipality of Portel, Pará, Brazil

David Junior Souza Silva[17]
Docente nos PPGs de Sociologia e de Estudos de Cultura e Política (Unifap)

Silvana Ramos Lacerda[18]
Mestranda em Estudos de Cultura e Política pela Unifap

Jacqueline Tatiane da Silva Guimarães[19]
Docente no PPG de Sociobiodiversidade e Educação da Ufpa e no PPG de Ensino de História (Unifap)

Recebido em: 23 dez. 2025 Aprovado em: 8 mai. 2026

[17] Professor Adjunto do Departamento de Filosofia e Ciências Humanas da Unifap. Vice-Coordenador Nacional do Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional (PROFSOCIO). Professor do Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional (PROFSOCIO/UNIFAP). Professor do Mestrado Profissional em Estudos de Cultura e Política da UNIFAP (PPCULT/UNIFAP). Professor do Programa de Pós-Graduação em Educação na Amazônia (PGEDA/UNIFAP). CV Lattes: http://lattes.cnpq.br/4265076306351873 Orcid: https://orcid.org/0000-0003-2336-4870 E-mail: davi_rosendo@live.com

[18] Assistente Social formada pela Universidade Federal do Pará (UFPA), Campus Universitário do Marajó/Breves. Especialista em Estudos Culturais e Políticas Públicas pela Universidade Federal do Amapá (UNIFAP). Atualmente, é mestranda em Estudos de Cultura e Política pela UNIFAP, com experiência de intercâmbio internacional na Universidade de Angers, França. CV Lattes: http://lattes.cnpq.br/6680125097196398 Orcid: https://orcid.org/0000-0003-2603-3508 E-mail: silvanalacerdasrl@gmail.com

[19] Assistente Social, Mestra em Serviço Social e Doutora em Educação pela Universidade Federal do Pará (UFPA). É docente da Faculdade de Serviço Social e do Programa de Pós-Graduação em Sociobiodiversidade e Educação (PPGSE), ambos vinculados ao Campus Universitário do Marajó/Breves (CUMB/UFPA). Docente permanente do Programa de Mestrado e Doutorado Profissional em Ensino de História (ProfHistória), da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP). Coordena o Programa Direitos Humanos, Infâncias e Diversidade no Arquipélago do Marajó (DHIDAM), o Laboratório de Direitos Humanos, Infâncias e Diversidade no Arquipélago do Marajó (LABDHIDAM) e lidera o Grupo de Estudos e Pesquisa em Direitos Humanos, Infâncias e Diversidade na Amazônia (GEDHIDAM/CNPq). CV Lattes: http://lattes.cnpq.br/0016401443592564 E-mail: jacguimaraes@ufpa.br

Resumo: A pandemia da COVID-19 foi um evento anunciado em março de 2020. A informação sobre a propagação do vírus Sars-CoV-2 (coronavírus) foi divulgada junto a uma série de medidas de prevenção à doença. Suspensão de rotina do comércio, escola, trabalho e outras séries de restrições foram prescritas. Neste contexto, novas configurações do cotidiano foram estabelecidas pelas diferentes populações. Sob estas condições, este artigo buscou refletir sobre a vivência dos ribeirinhos do Marajó no período da COVID-19. Para elaboração deste trabalho foram realizados levantamento bibliográfico e entrevistas com ribeirinhos das comunidades Cumaru, Queimada e São Bento, rio Acutipereira, município de Portel/PA. A pesquisa identificou, além dos desafios do período, as estratégias de superação elaboradas pelas próprias comunidades, como o uso da medicina tradicional. Outrossim, a pesquisa sinaliza para o constante diálogo com as comunidades para implementação de políticas públicas em conformidade com os territórios tradicionais.
Palavras-chave: Comunidades tradicionais; COVID-19; Cultura; Políticas Públicas; Marajó.

Abstract : The COVID-19 pandemic was officially declared in March 2020. Information regarding the spread of the SARS-CoV-2 virus (coronavirus) was disseminated alongside a series of disease prevention measures. The suspension of commercial activities, schooling, work routines, and other restrictive measures was widely prescribed. Within this context, new configurations of everyday life emerged among different populations. Under these circumstances, this article seeks to reflect on the experiences of riverine communities in the Marajó region during the COVID-19 pandemic. The study was based on a literature review and interviews conducted with residents of the riverine communities of Cumaru, Queimada, and São Bento, located along the Acutipereira River in the municipality of Portel, Pará, Brazil. In addition to identifying the challenges faced during the pandemic period, the research highlights coping strategies developed by the communities themselves, including the use of traditional medicine. Furthermore, the findings underscore the importance of maintaining continuous dialogue with local communities in order to design and implement public policies that are responsive to the realities of traditional territories.

Keywords: Traditional Communities; COVID-19; Culture; Public Policies; Marajó..

Introdução

Em março de 2020, a Organização Mundial da Saúde (OMS) anunciou ao mundo a pandemia da COVID-19. Este eventual, logo ganhou repercussão global pelos riscos proeminentes gerados pelo novo coronavírus (Sars-Cov-2) que causa a COVID-19, que inicialmente, em virtude da rápida propagação e da inexistência de vacina, gerou ainda mais temor e desespero.

Com este cenário, lideranças políticas do mundo inteiro buscaram formas de se organizar e prevenir do vírus e da doença. Fronteiras foram fechadas, vendas comerciais e viagens foram suspendidas e, de certo modo, a vida sob a lógica capitalista foi freada.

Ao ser registrada como pandemia, este acontecimento precisa ser pensado além de uma questão de saúde, pois este acontecimento afetou as diversas dimensões da vida social. Quando tratamos especificamente de comunidades tradicionais, o tratamento de questões de saúde, ambientais ou sociais, deve considerar outros contornos. As comunidades tradicionais historicamente têm relação intrínseca com a natureza. Tratando-se de comunidades tradicionais ribeirinhas, o rio é um dos principais elementos dessa relação, não somente inicialmente pela localização ou dependência do rio, mas pelas relações que estabelecem no cotidiano, a simbologia ou significado do contato com o rio, e infinitas outras formas de relacionamento com a natureza.

Assim, refletir sobre a pandemia da COVID-19 em comunidades ribeirinhas, nos exige olhar para que envolve cultura, cotidiano (modo de vida), cosmovisão e cuidado em saúde. A partir desta perspectiva, neste artigo temos como objetivo verificar as repercussões da pandemia da COVID-19 em comunidades ribeirinhas no Arquipélago do Marajó. Sob esta intenção partimos da seguinte pergunta: “como as comunidades ribeirinhas interpretaram a pandemia da COVID-19?”. Nesta direção, foram traçados os seguintes objetivos: 1) refletir sobre cultura e comunidades ribeirinhas; 2) observar e registrar a cosmovisão ribeirinha (visão de mundo), sobre a religião, espiritualidade e interpretações acerca dos adoecimentos e mortes no período de pandemia.

Para a construção deste trabalho, nos utilizamos de levantamento bibliográfico e do recurso de entrevistas realizadas com os ribeirinhos das comunidades Cumaru, Queimada e São Bento, rio Acutipereira, do município de Portel (Marajó/PA). Nesse sentido são envoltos neste debate reflexões Hall

(2013) e Cunha (2009) que tratam sobre cultura. Além dos escritos de Diegues (2000), Lira e Chaves (2016) que versam sobre comunidades ribeirinhas e tradicionais.

Assim, sob esta composição, este artigo se organiza da seguinte forma: em primeiro momento, desenvolvemos breve reflexão sobre cultura e comunidades ribeirinhas. Em segundo momento, descrevemos a experiência em campo, evidenciando os depoimentos compartilhados pelos participantes da pesquisa.

1 Cultura e comunidades tradicionais

Stuart Hall (2013), ao escrever sobre os estudos culturais, afirma que não há "inícios absolutos" e continuidades que não possam ser quebradas. Isto nos aponta para possibilidades de partirmos de outras perspectivas, de rompemos com determinados paradigmas que constantemente nos são estabelecidos como pontos de partida. Sob este aspecto, tomamos inicialmente a reflexão deste autor para pensar sobre as diferentes formas de se observar um acontecimento, como a pandemia da COVID-19.

Nesse sentido, recorremos também a concepção de cultura como um conceito que permite visualizar as formas de organização das sociedades, independente dos eventuais. Conforme Miguez, Fraxe e Witkoski (2011, p. 54), "a cultura consiste num processo de construção social, que orienta e dá significado a toda e qualquer prática humana". Entretanto, se observa que historicamente algumas culturas são postas em segundo plano ou como "inferiores" quando tomadas por concepções preconceituosas.

Cunha (2009) ao tratar de "cultura" e cultura contextualiza como a situação pós-colonial marcou não somente os ex-colônias, como ex-colonos. Alguns traços, ideias e categorias (como ela chama), como "cultura", "raça", "higiene", "trabalho" e "dinheiro", foram difundidas no século XIX, e tiveram que ser acatadas pelas periferias. A ideia de raça, por exemplo, difundida e utilizada na América Latina como requisito de classificação social, por consequência, desencadeou diversas identidades sociais (Quijano, 2005). Tal diversidade inclui negros, indígenas e mestiço. Contudo, a partir de sua posição os colonizadores, impuseram hierarquias, lugares e papéis para cada.

No Brasil, especificamente, Amador de Deus (2001), explica que a expansão desta ideia formou o racismo. O status de ciência adquirido pela classificação racial que deu aos brancos a posição de superior, fomentou a ideia de condição "natural de servidão" às pessoas de pele não branca. Nesse contexto, a qualquer um que não se alinhasse à tonalidade branca, era visto como inferior, logo, apontado para posição de subserviência (Amador de Deus,

2001). Por conseguinte, a forma de viver e de se organizar das populações não brancas foram vistas como inferiores, e em muitos momentos invalida.

Diante desse contexto, destacar a ideia de raça, é importante para logo também compreender a classificação do que seria "cultura" e "não cultura", por comunidades tradicionais, como ribeirinhas. Como já mencionado, a população de pele não-branca foi destinada um social, a noção raça difundida no século XIX e que atingiu o Brasil, apontou o "superior" e o "inferior", e isto incluiu a este ser suas bagagens (crenças, costumes, saberes e afins).

Contudo, apesar de esta ideologia expandir-se em território brasileiro com ideais de embranquecimento por meio da miscigenação na intenção de apagamento do negro e sua cultura, houve também intensas ações de resistência por parte da população negra. Uma destas manifestações é a formação quilombos, constituídas por populações afrodescente. Amador de Deus (2001) explica que tais populações, tendo sido carregadas a forças do continente africano para o território brasileiro, trouxeram consigo suas divindades, línguas, cosmovisão, organização social, uma bagagem que os colonizadores tentaram esconder e apagar por meio da coisificação de sua existência. Entretanto, ao ocuparem espaços, mesmo à margem, os africanos, por meio da oralidade expandiram suas tradições e memórias, assim disseminando sua cultura (Amador de Deus, 2001).

> [...] os africanos que cruzaram os oceanos não vieram a sós; com eles vieram suas divindades e seus diversos modos de vida e visão de mundo, sua alteridade linguística, artística, étnica, religiosa, suas diferentes formas de organização social e simbologia do real. Dessa forma, enquanto as instituições ocupavam-se de passar para a sociedade o conhecimento ocidental de origem ibérica, os africanos, à margem minavam aquele universo e disseminavam sua cultura, através da oralidade. Nesse processo, se dá o cruzamento das tradições e memórias orais africanas com todos os outros códigos ocidentais que lhe foram impostos pelo senhor. E é por meio dessa encruzilhada que vai sendo tecida a cultura afro-brasileira: um caco aqui, outro ali, um fragmento cá, outro lá e o mosaico, aos poucos, vai sendo reconstituído pelas vias das elaborações. (Amador de Deus, 2001, p. 183 - 184).

Nesse sentido, reconhecem-se as contribuições das diferentes populações que formam a Amazônia e a cultura dos povos. Além das populações negras que formaram territórios como os quilombos, outros grupos compõem a diversidade étnico-racial na Amazônia. Fernandes e Moser (2021)

destacam a parcela de povos e etnias que são resultado do processo de miscigenação e de colonização, dentre estes aqueles que moram às margens dos rios. Com base Arenz (2000), estas autoras relatam que, período pré-colonial havia indígenas que habitavam regiões de várzeas; consequentemente, até os dias atuais estas populações demonstram resquícios da cultura indígena em suas expressões e manifestações diárias.

No Arquipélago do Marajó, os escritos de Sarraf-Pacheco (2016) atestam a presença africana e indígena na região. Este autor menciona a união desses dois povos no trabalho em roças e engenhos e as trocas realizadas entre ambos. Abreu (2014), ao se referir à realidade Portel - município localizado dentro do Arquipélago do Marajó, reitera os registros de traços presentes no cotidiano dos portelenses.

Em contextos semelhantes, em que se observa contato entre diferentes povos e culturas, Hall (2013) salienta que tais análises não devem ser revistas por "mão única", mas que considerem as "relações de forças" e os diferentes momentos e níveis de desenvolvimento de cada estrutura. Tais considerações cabem ao tratamento de questões que se referem à formação de comunidades ribeirinhas no Marajó, neste estudo especificamente de Portel.

2 Ribeirinhos na Amazônia

Assim, antes de qualquer movimento introdutório de análise da "cultura" de comunidades ribeirinhas, consideramos que é preciso retornar aos traslados de ida e volta pelos rios. O rio, para o ribeirinho, é mais que espaço físico, em que se geram elementos para subsistência, mas um espaço em que se tece vivência, que se constroem laços e elementos simbólicos, e isto corresponde a uma relação construída historicamente (Fraxe, 2004), e é desta margem que partimos.

A situação colonial na Amazônia provocou, segundo Lira e Chaves (2016), uma diversidade de grupos étnicos, os quais até hoje reproduzem heranças desse intercâmbio por meio de costumes, crenças, relações sociais e familiares e hábitos alimentares. Sarraf-Pacheco (2016) ao desenvolver estudos na Amazônia Marajoara, afirma que este espaço conhecido como Arquipélago do Marajó, também foi cenário de disputa e conflitos entre colonizadores e colonizados, e nestes campos e florestas estão espalhadas a diversidade desse processo histórico. Dentre as representações que se encontram dentro do grupo de comunidades tradicionais presente na Amazônia, as autoras Lira e Chaves (2016) destacam a presença do ribeirinho como um dos agrupamentos que possui identidade marcada pela dinâmica sócio-histórica da Amazônia. A forte influência indígena, somada à influência de outros povos, inclusive de

colonizadores, culminou no que Moran (1990) denominou de "cultura cabloca", pela assimilação de modo de execução de determinadas tarefas cotidianas e modos de subsistência de várias atividades como horticultura, canoagem, pesca e afins.

Neste contexto, Lira e Chaves (2016) concordam que o ribeirinho possui relação particular com o rio, contudo, apontam também para outras atividades desenvolvidas por eles, que contribuem para a subsistência da comunidade. Sobre isso, estas mesmas autoras destacam o modo particular de vida dos ribeirinhos em seus territórios. O uso e manejo das terras, os saberes tradicionais, contribuem para a manutenção e preservação do meio ambiente saudável. Diegues (2000) explica que, além do território ser um espaço de troca e de reprodução das relações sociais e econômicas, para membros de comunidades tradicionais, este consiste em um espaço para expressão de "representações e do imaginário mitológico dessas sociedades". Assim, para Diegues (2000), é importante analisar tais representações, símbolos e mitos construídos por essas comunidades, pois estes norteiam seu modo de agir sobre o meio.

No que tange a conhecimento tradicional, Diegues (2000, p. 30) considera como "conjunto de saberes e saber-fazer a respeito do mundo natural, sobrenatural, transmitido oralmente de geração em geração". Em território marajoara, os saberes, as histórias e memórias são repassados com imenso respeito às tradições dos povos originários. Conforme Carmo, Santos e Costa (2020, p. 477) o "Marajó das Águas e Florestas [...] a vida e natureza são uno e recebem o mesmo valor imaterial, respeito e tradição secular, constituindo-se em espaços privilegiados de história, memória e sofisticados saberes e tecnologias sociais".

A forma como os ribeirinhos se organiza e seu modo de vida, confirmam esta constatação, e revelam o sentimento de pertencimento com território (Carmo, Santos e Costa, 2020). Além disso, o respeito às histórias, o esforço para manter saberes e tradições, caracterizam a dinâmica social destas comunidades. As comunidades ribeirinhas de Portel, lócus de nossa pesquisa, também apresentam características semelhantes, e resquícios dos povos originários nesta terra. A investigação de Sebastião Moraes de Abreu, sobre a história do município de Portel, no livro "Uma península no Marajó", publicado em 2014, o autor destaca a contribuição de povos indígenas para a cultura do município. Atividades extrativistas como caça e pesca artesanal, são exemplos mencionados pelo autor. Além da contribuição indígena, convém salientar a presença negra nesta região. Em uma outra passagem sobre as histórias de famílias temidas em Portel, Abreu (2014) menciona a presença de uma família

que formou um quilombo. Conhecida pelos portelenses como Quilombo Cipoal - localizada dentro do Rio Pacajá, seus componentes apresentam características fenotípicas negras, e contam sobre sua vinda para Portel migrados do Ceará. A razão desta vinda não é retratada no livro, contudo, o autor afirma a presença das "características dos seus antepassados" no cotidiano. Vale destacar neste momento, que a comunidade quilombola citada por Abreu (2014) já se encontra certificadapela Fundação Cultural Palmares, pelo processo nº 01420.009573/2015-13, e pela Portaria nº 103/2016, de 20/05/2016, o que reconhece como comunidade constituída por pessoas que se reconhecem enquanto membros de um grupo étnico-racial, com trajetória histórica de resistência ao sistema escravocrata (FCP, 2016).

3 Pandemia e as comunidades ribeirinhas de Portel

3.1 Metodologia

Neste tópico descrevemos a coleta e análise das informações colhidas em campo. De antemão descrevemos o percurso da pesquisa de campo que teve como público-alvo ribeirinhos do município de Portel, especificamente moradores da Vila Queimada, Vila Cumaru e Comunidade São Bento, do rio Acuti-Pereira. Nesse processo, foram realizadas entrevistas de forma individual, tomando como guia roteiro de questões elaborado inicialmente conforme o anexo disposto ao final. Todas as entrevistas tinham como intenção captar as experiências em comunidades ribeirinhas no período de pandemia da COVID-19. Desta forma, o roteiro elaborado continha perguntas abertas e fechadas.

Por meio deste roteiro, considera-se uma das técnicas utilizadas na entrevista não-diretiva. Conforme Severino (2014), esta técnica permite o colhimento de informação por meio do discurso livre do entrevistado. As perguntas ou intervenções do entrevistador se dão de forma discreta e eventualmente para estimular o entrevistado (Severino, 2014). Além desta, destaca-se também, neste percurso, utilização da entrevista estruturada, pela presença de perguntas pré-estabelecidas (Severino, 2014) no roteiro de entrevista.

Esta abordagem para Severino (2014, p. 123) caracteriza esta parte como pesquisa de campo, uma vez que "o objeto/fonte é abordado em seu próprio meio ambiente". Além deste critério, a pesquisa apresentada se articula com a pesquisa etnográfica uma vez que para compreender as mudanças/transformações no período pandêmico dentro das comunidades pesquisadas, foi preciso no correr da entrevista procurar entender o cotidiano

dos ribeirinhos. Severino (2014, p. 119) explica que "a pesquisa etnográfica visa compreender, na cotidianidade, os processos do dia-a-dia em suas diversas modalidades".

Com os entrevistados, após breve apresentação dos objetivos da pesquisa, e do termo consentimento, foi apresentado o roteiro da entrevista. Com a utilização de um gravador de voz, a pesquisa foi iniciada após consentimento dos participantes. Para garantia do anonimato, são vistos na pesquisa como "entrevistado 1", "entrevistado 2" e "entrevistado 3" e assim sucessivamente, indicando identidade de gênero, cor, idade e vila/comunidade.

Por último, destaca-se que para análise das informações coletadas no percurso geral de elaboração deste trabalho, tomamos como enfoque de investigação os estudos mistos. Conforme, caracterizado por Prates (2012), este tipo de estudo, considera a utilização de dados quantitativos e qualitativos no processo de análise dos resultados. Ademais, demarca-se que a separação de depoimentos contidos no corpo do trabalho, foram selecionados conforme a recorrência de palavras sendo utilizada a ferramenta word para localização. As palavras utilizadas para seleção foram: "desafios", "dificuldade" e "pandemia".

3.2 Caracterização do município de Portel

O município de Portel, recebeu o título de vila independente de fato dentro dos aspectos legais, em 24 de janeiro de 1758, quando o governador Francisco Xavier de Mendonça Furtado, ao elevar a condição de Vila deu-lhe o nome de Portel, que de origem portuguesa significa "Porto Pequeno". Todavia, no período de 1833 a 1843, Portel por questões políticas perde o título de Vila e volta a ser parte do município, conhecido atualmente como Melgaço. Com o passar dos anos e outros trâmites legais, 1961, com a Lei nº 2.460, de 29 de dezembro, Portel volta a ser considerado um município do estado Pará, e em 1988 com nova organização política é delimitada a área que atualmente corresponde ao município (Fapespa, 2016).

Assim, com área correspondente a 25.325.10 km2 (IBGE, 2010), Portel faz fronteira, ao "norte com o município de Melgaço, ao sul com os municípios de Pacajá e Anapu, ao leste com os municípios de Baião e Bagre, e ao oeste com Porto de Moz e José Bonifácio" (Abreu, 2014, p. 21).

Figura 1 – Mapa do Arquipélago do Marajó



Fonte: Brasil (1999), IBGE (s/a), adaptado.

Politicamente, o município de Portel é considerado um dos 17 (dezessete) municípios que compõem o Arquipélago do Marajó, conforme o Decreto nº 2.129, de 20 de janeiro de 2022 que discrimina a composição atual da região marajoara. Contudo, observa-se que, essa organização descrita não é consenso entre os estudiosos da região. Abreu (2014) ao descrever sobre Portel reconhece as delimitações do município dentro aspectos legais, entretanto, dada a porção de terra portelense ser rodeada por água, menos pelo lado onde liga ao continente, ele enxerga Portel como uma península por sua característica geográfica.

Outras características que marcam Portel são os traços da cultura negra e indígena, seja constatado visualmente nas características fenotípicas das pessoas, ou nas práticas diárias, como as atividades extrativistas e de pescado, realizadas tanto para meio de subsistência como para prática de lazer.

O município de Portel tem sua área urbana dividida por 8 bairros, sendo: Muruci, Pinho, Bosque, Tijuca, Centro, Cidade Nova, Castanheira e Portelinha. Já a zona rural, ainda segundo Guia Turístico de Portel (Portel, 2012), é banhada pelos principais rios que são: rio Anapu, rio Pacajá, rio Camarapi e rio Acuti-Pereira.

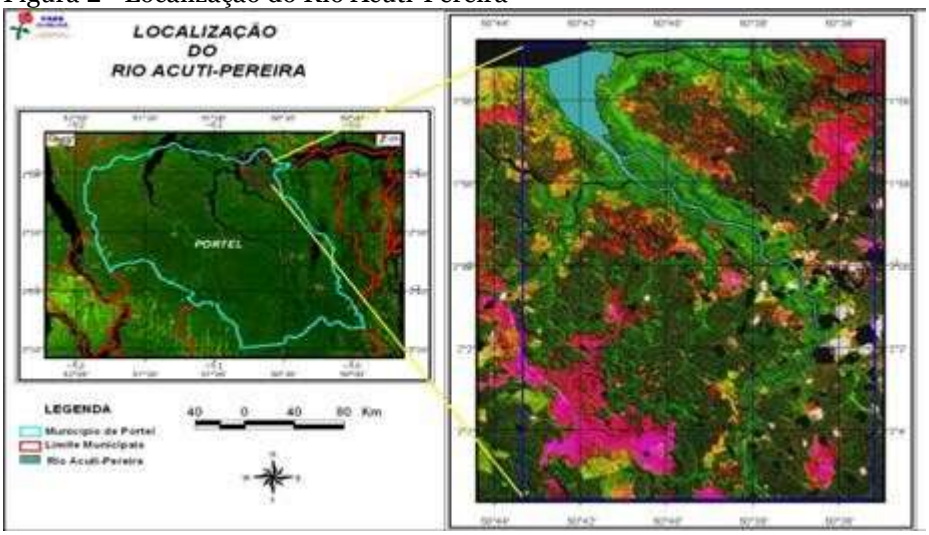
O primeiro rio, segundo Abreu (2014) é reconhecido pela grande extensão territorial que pede aos viajantes. São necessários pelo menos 30 horas de viagem para contemplar o rio todo. Contudo, este percurso proporciona lindas imagens de paisagens naturais, de praias e cachoeiras. O segundo, rio Pacajá, é o que mais se destaca, segundo Abreu (2014), por possuir

histórias marcantes, apesar de não registradas, como a existência de tribos indígenas às margens desse rio. O terceiro, rio Camarapi, já não tão distante, requer cerca de aproximadamente 6 a 8 horas de viagem (Abreu, 2014). O último mencionado, o rio Acuti-Pereira possui 550 Km2 de extensão territorial, a região é conhecida pela extração de recursos da natureza como a madeira. Outro ponto interessante quando a esse rio é o acesso à cidade, que também por ocorrer por via terrestre ao se optar pelas estradas de terra (Fase, 2006).

3.3 Acuti-Pereira: o rio que banha nossas comunidades

As comunidades pesquisadas denominadas como Vila Cumaru, Vila Queimada e Comunidade São Bento estão localizadas no rio Acuti-Pereira. O Acuti-Pereira é um dos rios que formam o município de Portel (Marajó/PA), como mostra o mapa abaixo.

Figura 2 - Localização do Rio Acuti-Pereira



Fonte: Fase (2006).

Este rio tem como afluentes os igarapés, Laranjal, Mocajatuba, Arapiúna, Araritê, cuja malha hidrográfica deste último deságua na baía de Melgaço (Fase, 2006; Abreu, 2014). Segundo o diagnóstico realizado pela ONG Federação de Órgãos para Assistência Social e Educacional – FASE no ano de 2006, a região do Acuti-Pereira compreende as seguintes comunidades: Aparecida, Boa Vista, Divino Espírito Santo, Menino Deus, Monte Betel, Pinheiro, São Benedito, São Jorge, Vila Paraíso, Vila São Miguel e Vila Tauçú.

Segundo a Fase (2006), os primeiros moradores do rio Acuti-Pereira ainda no período colonial, advindos do nordeste brasileiro. Esta região é marcada pelo sistema de aviamento no período de valorização do ciclo da borracha de meados de 1830 a 1912 (Fase, 2006). As atividades típicas desenvolvidas pelos moradores apresentam resquícios desse processo ao concentrar-se na extração de recursos dos rios e da floresta. O acesso às comunidades do Acuti-Pereira pode ocorrer pelos rios e pela estrada de terra, destacando-se esta última como importante e facilitadora via de escoamento da produção agrícola da região.

3.4 Na Estrada do Rio Acuti-Pereira

3. 4. 1 – Primeira parada: Vila Queimada

A estrada do rio Acuti-Pereira é uma via terrestre que nos possibilita chegar em algumas comunidades e em outros casos, permite o trajeto terrestre até a metade do caminho, sendo o restante somente possível pelos rios. A alternativa de acesso terrestre tem se mostrado como fácil caminho para a escoamento da produção rural (Fase, 2006) e como importante via de chegada a pontos turísticos da região como sítios e balneários (Ascom PMP, s/a). Foi por esta trilha que conhecemos as comunidades pesquisadas. Com cerca de 10 a 15 minutos de viagem de moto, em um caminho estreito chegamos a Vila Queimada.

Figura 3 - Estrada e Ponte da Vila Queimada



Fonte: pesquisa de campo (2022).

Estruturada por famílias que, a partir de suas ramificações foram se espalhando nesta região. A Vila Queimada tem como sua principal fonte de sustento e renda a lavoura. Desta atividade, o principal produto trabalhado é a mandioca, de onde é extraída a farinha (informação verbal).

A venda da farinha, segundo entrevistados, é um dos motivos das frequentes idas à cidade. Os moradores reconhecem a estrada de terra uma via facilitadora do escoamento deste produto e acesso à cidade. A dependência de produtos da área urbana como remédios e gêneros alimentícios, a busca por serviços públicos como os de saúde, também são motivos para o translado diário.

Apesar da estrada apresentar mudanças na maneira de acesso à cidade, o rio se apresenta como rota. Um dos moradores afirma que, para realização da venda da farinha na cidade, a ida de barco facilita pelo montante que é possível transportar. Além disso, mesmo que o pescado seja um produto já escasso na região, outro morador relata esta atividade executada no cotidiano, mesmo em período de pandemia. O rio que embeleza a Vila além de fornecer elementos para subsistência e rota para acesso à cidade, serviu ainda como atrativo para venda à beira da praia, que com a vinda da pandemia teve que ser paralisada. Nas imagens abaixo apresentamos a praia da Vila Queimada, e área de mata de onde são extraídos produtos como a mandioca e o açaí.

Figura 4 - Praia e a área de mata da vila queimada



Fonte: pesquisa de campo (2022).

3. 3. 2 - Segunda parada: Vila Cumaru

Formada em 20 de março de 1983, a Vila Cumaru surgiu da união de um grupo de irmãos que encontraram este espaço desocupado, fixaram moradia e

formaram famílias (informação verbal). A comunidade tem como base de sua economia a agricultura familiar. O cultivo de mandioca e extração de seus derivados, como a farinha d'água, farinha de tapioca e tucupi, são os principais produtos e servem para a composição da base alimentar diária e como meios de gerar renda para as famílias. Deste modo, os moradores desta comunidade relatam frequentes idas à cidade, seja para a venda e/ou compra de produtos diversos, visita a parentes e/ou busca de serviços públicos não disponíveis na comunidade. O acesso até a cidade não se dá exclusivamente pelos rios. Segundo os moradores da Vila Cumaru, desde 2014, com a abertura da estrada do rio Acuti-Pereira, o acesso à cidade ficou mais fácil, tanto por reduzir o tempo de chegada quanto por possibilitar o translado por outros meios de transporte, como moto e bicicleta.

Figura 5 - Entrada via terrestre (imagem do lado esquerdo) e via fluvial (imagem do lado direito)



Fonte: pesquisa de campo (2022).

3. 3. 3 - Terceira parada: Comunidade São Bento

A comunidade São Bento tem aproximadamente 40 anos de existência. Segundo diagnóstico produzido pela Fase (2006) cerca de 17 famílias habitavam nesta comunidade, totalizando cerca de 119 pessoas. Ainda segundo este documento, a comunidade dispõe de uma capela, um barracão comunitário, uma escola. Além destas instituições, encontra-se ainda posto de saúde, como observadas nas imagens abaixo.

Figura 6 - Capela de São Bento (imagem do lado esquerdo) e a escola Ezídio (imagem do lado direito)



Fonte: pesquisa de campo (2022).

Mesmo com a presença das instituições públicas, como posto de saúde e escola na comunidade, os moradores ainda se sentem levados a frequentar a cidade em busca da extensão desses serviços, como em casos de emergência de saúde aos finais de semana e momentos para busca de vacinação, que são serviços disponíveis somente na cidade. Situação semelhante observa-se em processos educacionais, em que, por não ter escolas de nível médio (1º a 3º ano), alguns moradores são induzidos a migrar para a cidade ou para comunidades próximas à área urbana para poder cursar o ensino médio, por exemplo.

A Comunidade São Bento mantém sua economia à base da venda farinha, e dependendo da safra a venda de frutas como o açaí, o cupuaçu e o bacuri. Além da venda destes produtos, a economia da comunidade gira em torno dos benefícios sociais, auxílios e aposentadorias. As pequenas vendas de variados gêneros alimentícios estão presentes na comunidade, o que também os leva frequentemente a visitar a cidade para venda e reposição de mercadorias.

Em relação às visitas na cidade ocorrem tanto pela estrada de terra, como pelas margens do rio. A comunidade São Bento, é considerada um pouco distante da cidade em razão do tempo necessário para se chegar a comunidade que compreende em média de 35 a 45 minutos com uso de moto, em média uns 45 minutos de rabeta (informação verbal).

Figura 7 - Construção de Rabeta (imagem do lado esquerdo) e o Rio Acuti-Pereira (imagem do lado direito)



Fonte: pesquisa de campo (2022).

3. 3. 4 – A pandemia da COVID-19 e os desafios enfrentados

O rio Acuti-Pereira, que abriga as comunidades pesquisadas neste trabalho, chamou nossa atenção inicialmente por ser uma região que pouco apresentou números de contaminados por covid-19. Dados publicados no Plano de Vacinação contra a Covid-19 no município de Portel indicam que esta região foi menos afetada pelo vírus. Até dezembro de 2020 — ano de início da pandemia, o rio Acuti-Pereira apresentava o total de 51 (cinquenta e um) pessoas infectadas (Portel, 2021). Na Vila Cumaru, os entrevistados informam que somente uma pessoa foi infectada; o perfil dela não foi descrito. Contudo, na Vila Queimada e Comunidade São Bento, houve, conforme os moradores, casos expressivos de contaminados, mas sem mortes.

Apesar de positivamente apresentarem baixos índices e sem mortes, os moradores das comunidades pesquisadas relatam desafios encarados na pandemia, diante das restrições impostas como medida de contenção da Covid-19. Em contrapartida, mesmo no contexto de restrições, os moradores seguiram as recomendadas pelos órgãos de saúde pública, que consequentemente trouxeram resultados positivos, como, por exemplo, a baixa expressão de contaminados.

No que tange aos desafios encarados, os moradores de Vila Cumaru destacam o distanciamento social. Tendo como principal meio de subsistência a agricultura familiar, os moradores afirmam que tiveram que adotar esta medida no trabalho diário para se protegerem do vírus, e isto foi um desafio para o cotidiano, como relata o entrevistado 1:

> Os desafios foram vários, principalmente nessa questão do isolamento, porque a gente não podia se comunicar com as pessoas pessoalmente devido a contaminação da doença. Esse foi o primeiro desafio. Segundo que ficou difícil para a gente se deslocar. Como você não podia se aglomerar, tinha que ter organização para que, digamos, no começo, tinha que seguir a questão do distanciamento. (Entrevistado 3, homem pardo, 48 anos, Vila Cumaru).

O entrevistado 3, residente na Vila Cumaru, revela o desafio no sentido do trabalho, na dificuldade para comunicação na organização de tarefas diárias. Castro et al. (2007), em pesquisa em comunidades ribeirinhas na Amazônia, identificam a agricultura familiar como a principal estratégia de renda no meio rural. Ao observarem o desenvolvimento desta atividade em pesquisa de campo, percebem como as famílias, comumente extensas, trabalham em senso de coletividade, colocando seus interesses em torno da subsistência da família.

A agricultura familiar, definida por Castro et al. (2007), é tida pelo envolvimento em unidade com a família na organização de produção e pela intenção desta atividade, que é realizada não somente para captação de "rentabilidade, mas principalmente para atender às necessidades básicas da família". Estes mesmos autores explicam que este modelo de organização está ligado a características de povos indígenas, os primeiros moradores da Amazônia. Além destes povos, houve a migração de diversas etnias no período do ciclo da borracha para a Amazônia, que incidiu na instalação de imigrantes no correr das margens do rio. Assim, segundo estes autores, o modo de vida na agricultura familiar da Amazônia é constituído por ascendentes indígenas, caboclos e ribeirinhos que adquiriram e, de forma adaptativa, repassam de geração para geração.

Nas três comunidades pesquisadas foram perceptíveis estes traços; contudo, o período pandêmico impactou não somente na forma de produção, mas também no escoamento dos produtos produzidos. Na comunidade São Bento, um dos moradores relembra a situação vivenciada, dadas as restrições de acesso à cidade, outro desafio enfrentado na pandemia.

> A atividade de rotina no interior, né? Tem que continuar. Mas é aquilo que eu tô lhe falando. Faz uma farinha aí... Tem aqui na cidade. Mas só que também no período da pandemia era restrito, não podia ir de canoa cheia aqui. Ali a Secretaria de Saúde sempre tinha aquela equipe de estar chegando e não autorizando a entrada das pessoas na cidade. Às vezes, como acontecia com meu pai, que é meu pai também, e foi em Portel.

> Ele foi no máximo com sete pessoas. Chegaram lá no barco, e falaram que era pra ele voltar. Tudo isso aconteceu, né? (Entrevistado 7, homem preto, 32 anos, Comunidade São Bento).

Os moradores da Vila Cumaru e Vila Queimada, também relatam situação semelhante para ter acesso aos serviços da cidade. Entretanto, apesar dos desafios, os moradores relatam a continuidade de tais tarefas no dia-a-dia, mas que sobretudo, eram enfáticos e respeitosos com a estratégia de prevenção. Neste contexto, observou-se outro desafio encarado nas três comunidades pesquisadas, que diz respeito ao acesso a produtos que se tem disponível somente na cidade. Além da compra de alimentos do consumo diário, a falta de remédios também é motivo de idas e voltas à cidade. Contudo, no período da pandemia dadas as restrições este trânsito foi limitado causando alguns transtornos aos moradores ribeirinhos. As lembranças abaixo descrevem esse período:

> Na verdade, nem, nem quase sair, né? Porque quando a gente até pra ir fazer uma compra lá na cidade e já tava parando, a gente aí fora de voadeira, aí já para não podem encostar, ir pra outra cidade. Aí já tinha que só um, não podia levar a família, e nem as crianças. Só mesmo pra ir lá comprar o alimento que a gente precisa, né, e voltar rapidamente (Entrevistado 2, homem moreno, 40 anos, Vila Queimada).

> A gente encarou a dificuldade que a gente encarou. Era, era devido a gente não poder sair de casa. A gente ficava só em casa, aí pra chegar na cidade, pra ir fazer as compras. A gente tinha aquela dificuldade pra chegar, porque tinha toda aquela burocracia pra gente poder passar, né? E aí foi essa dificuldade que a gente enfrentou (Entrevistada 4, mulher parda, 44 anos, Vila Cumaru).

> Aparentemente da pandemia, foi difícil. Muito difícil mesmo, porque até o acesso à cidade era restrito. Tinha que ser pelo uma pessoa da família. E no caso, nós somos seis aqui que poderia fazer as compras. Isso não poderia demorar também. É... e sempre, sempre com o protocolo debaixo do braço, né, e que tem que usar máscara de gel. Não... Não fica abraçando as pessoas. (Entrevistado 7, homem preto, 32 anos, Comunidade São Bento).

Com base nesses relatos, observamos a relação com a cidade. Os moradores das três comunidades relatam as visitas esporádicas na busca de

elementos que subsidiam a produção, quanto a serviços que contribuem para a qualidade de vida, como a procura de serviços de saúde pública e até a visita de parentes. Nestes casos, notou-se também o desafio posto pelo distanciamento social, impactando nas atividades laborais e de até mesmo de lazer.

Em outras comunidades onde os recursos naturais já estão mais escassos, é evidente que a dependência de elementos da cidade é maior. Um dos moradores da Vila Queimada relembra a situação difícil vivenciada no período da pandemia, e como as consequências desses acontecimentos até hoje são refletidas nesta comunidade.

> Olha, foi parado tudo ali parado, tudo porque? Até porque quando iniciou a pandemia foi um colapso, né não? Acho que para todo mundo né? Porque parou as coisas aqui, nem aqui, nós aqui. E olha que nós, nós tínhamos a nossa venda aqui na beira da praia, tudo isso foi, foi parado também. Aonde nós ganha uma renda, não é? Aí parou. Entrou a pandemia, parou aí foi proibido nós vender nossos produtos. E hoje nós estamos paradas, porque nós acabamos com as condições, né? Na época da pandemia hoje nós fiquemos sem as condição de montar de novo. Então foi a pandemia. Foi uma coisa que foi muito ruim mesmo. Então isso foi todo mundo. (Entrevistado 2, homem moreno, 40 anos, Vila Queimada).

Assim, apesar da semelhança nos desafios enfrentados por cada comunidade no período da pandemia, cada uma delas apresenta questões latentes, caracterizariam como específicas, como na primeira comunidade visitada, a Vila Queimada. Nesta Vila, o primeiro morador informa que o pescado é considerado um produto escasso na região, sendo suficiente apenas para alimentação diária. O segundo entrevistado nesta Vila, em vários momentos da entrevista retrata a pandemia como um momento difícil, a farinha, um dos poucos alimentos retirados da comunidade para venda, teve sua venda limitada em virtude das restrições de viagens à cidade. Além disso, os pequenos comércios existentes foram acabando em razão da paralisação das vendas à beira da praia e a necessidade da utilização de alimentos para consumo.

Na Vila Cumaru, percebemos que o fato de sua entrada está exposto à beira da estrada de terra do rio Acuti-Pereira, e sua proximidade com a cidade, o acesso à área urbana não foi tão limitado, e desta forma, outras questões emergidas com a pandemia puderam ser solucionados. Nesta comunidade, o principal desafio destacado por ser mencionado com certa recorrência concerne ao distanciamento social, e os efeitos e adaptações sobre o modo de

produção na agricultura familiar. Na Comunidade São Bento, o desafio incidiu no escoamento dos produtos produzidos pela comunidade. Em virtude das restrições pelo rio, as pequenas embarcações que transportam a maior parte da produção foram impedidas
algumas vezes de adentrar a cidade.

3. 3. 5 Interpretações: cosmovisão, espiritualidade, medicina tradicional e pandemia

A Vila Cumaru, com base nos relatos de moradores, não registrou mortes, apenas o único caso de contaminação por covid-19. Os moradores ainda afirmam que a chegada da pandemia foi uma surpresa para todos da comunidade, contudo, não foi motivo para demasiado desespero. A cosmovisão (visão de mundo) desta comunidade sobre a pandemia, evidencia tranquilidade e credibilidade na ciência. Quando questionados sobre o anúncio da pandemia os entrevistados desta comunidade relatam da seguinte forma:

> Foi um... O período de 2020, 2021 foi bastante complicado para todas as pessoas do planeta, né? Foi muito rápido e graças a Deus que aqui nessa vila teve um caso só de, de de, Covid-19, só um porque a gente trabalhou essa questão da prevenção (Entrevistado 3, homem pardo, 48 anos, Vila Cumaru)

> Nós aqui a gente não ficou muito preocupado porque antes de tomar os devidos cuidados a gente não facilitava. A gente seguia direitinho a recomendação, né? Graças a Deus que aqui nesse meio não apareceu ninguém sofreu (Entrevistada 4, mulher parda, 44 anos, Vila Cumaru).

Percebe-se ainda nestes relatos, o sentimento de coletividade expressa na preocupação da proteção da saúde da comunidade, vista por meio da prevenção. Aliada a percepção de crença na ciência, os aspectos religiosos incidiram na maneira como os ribeirinhos da Vila Cumaru observam este fato. Na Vila Queimada e na Comunidade São Bento, o cenário de pandemia já foi um pouco diferente, houveram mais de um caso de Covid-19 confirmado, os números não foram possíveis de acessar. Os moradores desta Vila e Comunidade afirmam que à medida que houve o primeiro caso, o vírus se alastrou. A forma e o sentimento nestas duas comunidades foram distintos, entretanto, com algo em comum com a Vila Cumaru, a preocupação com o coletivo. Observamos a seguir, os relatos dos moradores sobre o anúncio da pandemia e a recomendação do uso de máscara como medida de proteção:

> Assim, pensando assim, poxa, mais com as criança, tipo assim, eu me preocupo mais com meus filho e minha mulher, porque tipo assim, gente, nós como né, pai dos nossos filho a gente se preocupa muito, nem ficava com medo. Assim, poxa será que vai pegar no meu filho? Porque eu via os outros, né que pegavam, e meu vizinho aí que pegaram, que foi muito forte nesse que deu e aí isso. Falava que era muito, muito ruim, muita dor na cabeça, é ixi... Não, não, não conseguiu sentir o alimento. Não é que tudo isso é de sim. E aí eu ficava pensando assim, é... Pensando nos meus filhos, nos meus pai, que tinham pegado também, meus irmão. Fala a verdade, que sentisse, nesse momento a gente sentia não só pela sua família, mas por todo o Brasil. A gente que via na televisão. Assistia na televisão que aquela grande multidão de gente com essa doença foi. (Entrevistado 2, homem moreno, 40 anos, Vila Queimada).

> Coisa que vem de Deus, ninguém se escapa. O que Deus faz é difícil, ninguém se esconde. Na Bíblia diz que até no fundo do rio ele vai. Então, mas antes esperança para não morrer com esperança em Deus, como nós tivemos aqui, né. E esse remédio sempre falava que esse remédio vai dar. Porque o coronavírus, o que mata gente é aquela canseira, justamente aquela pneumonia, vai faltando o fôlego, vai, vai até pronto. Agora, depois daquilo, fica e a coisa, como é? (Pensando). A sequela, dor nas juntas. A gente não pode comer carne, que dá, até hoje eu tô doente. [...] Ele falava, eu dizia rapaz isso não mata ninguém. Aí o remédio é esse, e ninguém acreditava. Depois que tomava que acreditava. E ela não reagi, com esse remédio ela não reagi. (Entrevistado 8, homem preto, 72 anos, Comunidade São Bento).

Salienta-se que estas duas comunidades mencionaram o desenvolvimento da medicina tradicional, que segundo a Organização Pan-Americana de Saúde (OPAS, s/a), consiste na articulação dos conhecimentos das comunidades tradicionais com base nas crenças e teorias, que são utilizadas para a manutenção e prevenção da saúde. Assim, a medicina tradicional em sua prática envolve desenvolvimento de remédio caseiro com a utilização de plantas e outros recursos naturais.

Na Comunidade São Bento está prática ainda se mostra bem presente no cotidiano dos moradores, relevando assim no período pandêmico certa tranquilidade e confiança nas potencialidades desta região. Acredita-se que fato de a Vila Queimada ter o contato mais próximo com a cidade, e a

dependência de inúmeras coisas disponíveis na área urbana, está sentiu de forma diferente o anúncio da pandemia, causando em alguns de seus moradores temores por sua vida e de seus familiares.

Neste contexto, quando perguntamos aos entrevistados nas três comunidades sobre a forma e/ou quais possíveis aprendizados proporcionados pela pandemia, recebemos os seguintes depoimentos:

> Eu acho que o aprendizado que ela trouxe era aqui. Que Deus. Até porque tá na Bíblia. Que venha várias epidemias. Eu acho que essa epidemia veio porque muitas pessoas não acreditavam nisso e muitas pessoas nem leem a bíblia. É por isso que eu acho que as pessoas tem que acreditar mais em Deus, porque Ele tem poder e Ele é poderoso (Entrevistada 5, mulher parda, 15 anos, Vila Cumaru).

> Olha, assim como ela trouxe um aprendizado, ela trouxe também seus malefícios. O ruim é que ela vem, mata. Se a pessoa não cuidar. E o bom foi que a gente aprendeu a conviver em família, né? Porque muita gente fica muito tempo fora da família. Olha como eu, como eu sou do esporte, eu tô no final de semana não estar em casa. Aí ai veio essa pandemia de todo tempo, eu não ficar em casa, ficar andando pra cá, pra cá. (Entrevistado 7, homem preto, 32 anos, Comunidade São Bento).

As distintas interpretações sobre os possíveis aprendizados da pandemia nas comunidades reportam as formas como a pandemia afetou cada uma delas. Retomamos novamente sobre os desafios de cada comunidade, na Vila Queimada, em razão das dificuldades financeiras enfrentada, e de outros desafios desencadeados pela pandemia, a preocupação com o retorno da doença é nítido, desta forma, o entrevistado enfatizou a prevenção e o cuidado para o vírus não voltar.

Na Vila Cumaru a entrevistada observa como uma profecia religiosa se cumpre sobre a terra. No relato dela observa-se que a introdução de religiões na comunidade incide diretamente na forma de interpretar acontecimentos como a pandemia. Por sua vez, na Comunidade São Bento, chamou a atenção a aproximação e fortalecimento dos laços familiares. Apesar do espírito de coletividade presente nesta comunidade, o morador entrevistado relatou ainda o tempo destinado à vida em família. O depoimento prestado por ele, reforçou a importância dos laços e a convivência em família, sobretudo, em período de pandemia.

3. 3. 6 - Estratégias de sobrevivência e resistências: manifestações políticas, ações de solidariedade e antagonismos

Frente a pandemia, os povos de comunidades tiveram que se organizar, resistir e existir diante dos desafios impostos. Os moradores da Vila Queimada, Vila Cumaru e Comunidade São Bento utilizaram de suas potencialidades para se reinventar e/ou adaptar suas atividades do cotidiano às margens dos rios. No que tange agricultura familiar, atividade do cotidiano, os entrevistados contam:

> Referente à questão da agricultura familiar. Não teve jeito, tinha que trabalhar. Todo mundo trabalhava de máscara, respeitava o distanciamento lá ao redor da mandioca, né? E foi um desafio grande também, porque diariamente os agricultores, eles fazem o seguinte: todos aqui trabalham no sertão, ou seja, de centro, né? Eles trabalham no sertão, muito longe dessa residência. Então foi um desafio muito grande, mas a estratégia foi essa, referente à questão da prevenção, respeitar o distanciamento e continuar trabalhando na maneira do possível (Entrevistado 3, homem pardo, 48 anos, Vila Cumaru).

Destaca-se que na Comunidade São Bento as atividades não pararam apenas reduziram devido à dificuldade do escoamento da produção, problemática também encarada pelas outras comunidades. Assim, os desafios mais recorrentes na fala dos moradores, refere-se ao impedimento de contato com pessoas de outras áreas, como o contato entre moradores da Vila e as visitas esporádicas à cidade. Contudo, os moradores asseveram a adesão às recomendações propostas pelos órgãos de saúde por meio das adaptações das atividades no campo.

Nesse ínterim, os moradores reconhecem que as pessoas que não consideram tais recomendações dos órgãos de saúde, contribuíram para os efeitos catastróficos da pandemia. Quando perguntamos sobre o cotidiano de isolamento na comunidade, o entrevistado 3, da Vila Cumaru conta que sobre a adesão dos modos prevenção proposto pela ciência como ao uso de máscara e álcool em gel, contudo, menciona sobre o que considera descaso do governo federal da época no tange as contribuições da ciência na elaboração da vacina contra a covid-19. Em relato o entrevistado expõe:

> Da proteção, da prevenção em casos. A máscara Álcool em Gel foi trabalhado bastante aqui nessa vila com relação a essa questão agora, infelizmente houve um descaso pelo governo federal. O governo federal custou a comprar a vacina contra

> convite e isso levou a morte de muitas pessoas. Realmente foi um descaso nesse aspecto aí e isso abalou com todo o Brasil que muitas vidas deveria ser evitada de morrer. As pessoas morreram por não ter vacina. [...] a gente viu um esforço muito grande, tanto do governo municipal quanto do estadual. A gente só vê uma negligência mesmo na federal. O governo federal, infelizmente, infelizmente, deixou muito a desejar (Entrevistado 3, homem pardo, 48 anos, Vila Cumaru).

Na época da pesquisa, em 2022, com a vacinação em andamento, perguntamos a este entrevistado como encontrava-se a situação de vacinação na comunidade. O entrevistado informou que já havia sido contemplado com três doses da vacina, sendo as duas primeiras doses recebidas por meio de ação do governo municipal na comunidade, e a terceira dose realizada no Hospital Municipal de Portel. Ele ainda informou que a quarta dose ainda não foi tomada pelo espaço de tempo de uma dose da outra. Na Vila Queimada a vacinação segundo os moradores só ocorreu com a ida a cidade. Na Comunidade São Bento os moradores mencionam as ações em comunidades próximas onde tiveram acesso a vacina, e as doses respectivas disponíveis no Centro de Referência da Zona Rural ou no Hospital Municipal de Portel, ambos na área urbana.

Apesar do atraso das ações do Governo Federal em relação a vacina e outras medidas como a distribuição de renda aos que ficaram impossibilitados de desenvolver suas atividades de sustento normalmente, as comunidades ribeirinhas do rio Acuti-Pereira encontram outros caminhos para obtenção de renda. Na Comunidade São Bento, um dos entrevistados, optou por tomar como rota a estrada de terra.

> Além do auxílio, não tenho recordações assim. Ó que bom que a gente ficou recebendo, né? Que foi é ficar, não trabalhava, mas a recebi, que é um direito também que nós tínhamos. E o auxílio ou auxílio da família, que também, graças a Deus deu, deu um grande apoio nesse momento. Apesar que nós ter recebido já no final das parcelas, mas nós recebemos. Mas aí aqui o que eu fazia era de vez em quando aparecia um pra ir lá em Portel, eu levava de moto e cobrava R$50 e dava pra trazer comida de lá. (Entrevistado 7, homem preto, 32 anos, Comunidade São Bento).

Observa-se ainda, que apesar do atraso do auxílio financeiro concedido pelo Governo Federal, os moradores reconhecem a importância e contribuição

desse recurso para a sobrevivência no período da pandemia. Por meio desta renda, foi possível outros meios de captação de recursos nas comunidades.

Além dessas estratégias para aquisição de recursos financeiros, outros meios foram determinantes para sobrevivência na pandemia. A medicina tradicional como mencionado anteriormente também é vista como existência e resistência das tradições das comunidades ribeirinhas. O Entrevistado 8 foi o primeiro na Comunidade São Bento a desenvolver a prática medicinal do remédio que reduz os efeitos da pneumonia. Ele conta que recebeu a receita há muitos anos atrás quando procurava meio de tratamento para esposa que estava em estado avançado da doença. Com a folha da Aninga, recurso predominante nas proximidades da Comunidade São Bento -, é possível fazer um caldo que em instante limpa o pulmão eliminando os rios de morte do indivíduo (informação verbal). No período pandêmico, noticiado os efeitos da covid-19 semelhantes aos da pneumonia, os moradores da Comunidade São Bento recorrem a esta medicação natural. Ainda segundo os moradores, visto os efeitos em poucos dias, o remédio começou a adquirir mais adeptos, e a busca por este recurso medicinal foi intensificada.

Figura 8 - Folhas da Aninga à margem do Rio Acuti-Pereira



Fonte: pesquisa de campo (2022).

Mesmo com a presença do Posto de Saúde na Comunidade, a profissional de saúde atuante nesta Unidade relata que o fluxo no período pandêmico foi relativamente fraco. Quando perguntamos sobre a adesão ao remédio caseiro em detrimentos aos recursos oferecidos pela Unidade de Saúde, ela conta:

> Na verdade, era mais ele assim, no caso, aí quando vinham aqui era mais pra tipo como dava muita dor no corpo, que tinha pessoas que davam a tosse, eles vinham atrás disso, mas era muito difícil aparecer alguém doente, até porque as pessoas não adoeceram tanto, tanto, tanto assim pra dizer que ficaram muito mal daqui meio do Rio. Foi só uma pessoa que foi pra lá, pra cidade que eles levaram, né? Mas não tava tão grave assim. Mas aqui no Posto mesmo era muito difícil aparecer pessoas assim com esses casos graves. (Entrevistada 6, mulher parda, 23 anos, Comunidade São Bento).

Um dos pioneiros a desenvolver o Chá da Aninga na Comunidade São Bento conta que além desse remédio, outras receitas caseiras foram utilizadas para cura e minimização dos efeitos da Covid-19, como a mistura do Gengibre com Mel de Abelha e Alho. Contudo, no período da pandemia o Chá da Aninga foi determinante para eliminar a canseira dos pacientes em apenas 10 minutos. O Entrevistado 8, ainda conta, com estes efeitos a procura pelo remédio aumentou, fazendo com que além dos moradores desta Comunidade, outras pessoas se interessassem pelo remédio. Ele conta que exportou o remédio para outros municípios. Empresários de grandes comércios locais também fizeram busca desse remédio. Diante do relato da grande demanda pelo remédio perguntamos sobre o preço, o entrevistado responde:

> Não. A gente não pedia caro, pedia R$10,00. [R$10,00 o que? Um potinho?] Não. Dois litros. Dois litros. Todo mundo tava doente querendo vida. A gente não pode ser provalente, né minha irmã. [...] Continuou o preço normal do remédio. (Entrevistado 8, homem preto, 72 anos, Comunidade São Bento).

Além do preço acessível, este entrevistado ainda conta que repassou a receita para inúmeras pessoas que o procuraram posteriormente. Em outro momento, já encerrado a gravação da entrevista, ele conta preocupação da perda de costumes tradicionais das comunidades ribeirinhas. Desta forma, ele vê a propagação da receita como forma desse e outros conhecimentos tradicionais não serem esquecidos ou perdidos.

Destarte o conhecimento tradicional visto como aquele repassado de forma intergeracional, transmitido por meio da oralidade (DIAS, 2012). Desta forma, ainda se encontra presente nas três comunidades visitas, sejam na área medicinal, seja nas práticas cotidianas, na agricultura familiar, lavouras e nas atividades que envolvem o rio.

Considerações Finais

Uma das questões que norteiam este artigo parte da inquietação em compreender as repercussões da pandemia da COVID-19 nas comunidades ribeirinhas. Como anteriormente mencionado, a pandemia da COVID-19 registrou-se como um acontecimento que desencadeou diversas mudanças no cotidiano social em razão das múltiplas medidas necessárias de prevenção. Sob este contexto, as diferentes populações do mundo se organizaram de maneiras distintas para se prevenir e/ou superar a doença.

Sob este contexto, buscar visualizar os desafios encarados e as estratégias empreendidas foram formas de registrar a experiência das comunidades ribeirinhas no contexto de pandemia. Outrossim, como maneira de contribuir com a visibilidade de desafios e estratégias elaboradas pelas comunidades em período pandêmico. Nesse sentido, a pesquisa em tela partiu das inquietações sobre as formas de interpretação das comunidades ribeirinhas quanto aos desafios postos pela pandemia.

A postura de cada comunidade correspondeu conforme as dificuldades e possibilidades de cada uma. Na Vila Queimada, dada a escassez de recursos naturais, percebeu-se dependência mais elevada da cidade, inclusive no reabastecimento dos pequenos comércios da Vila. Diante deste quadro, as problemáticas vivenciadas antes mesmo da pandemia pelo ribeirinho desta comunidade se agravaram. A alternativa para a manutenção das famílias se deu por meio do auxílio financeiro e das atividades da lavoura exclusivamente para subsistência.

Na Vila Cumaru e na Comunidade São Bento, o auxílio do Governo Federal e a agricultura familiar também subsidiaram o enfrentamento da pandemia. Contudo, observou que, em razão da variedade de recursos naturais, seja para alimento e/ou remédio, os efeitos da pandemia foram menos catastróficos.

Esta pesquisa também evidenciou os desafios enfrentados na pandemia pelas comunidades pesquisadas, que, em virtude das medidas de distanciamento social, as atividades de lavoura/agricultura familiar tiveram que ser adaptadas. Entretanto, apesar dos desafios, os moradores relatam a continuidade de tais tarefas no dia a dia, mas, sobretudo, eram enfáticos e respeitosos com a estratégia de prevenção. Observou-se, neste contexto, o forte sentimento de coletividade, a prevenção em prol da saúde de todos os membros da comunidade.

Neste cenário, a forma como a pandemia foi interpretada também revelava este sentimento. Na primeira comunidade pesquisada, Vila Queimada, um dos entrevistados expressou medo ao receber a notícia da pandemia. Ao

observar o cenário nacional e as inúmeras preocupações dos filhos e demais familiares, foi latente. Já na Vila Cumaru e Comunidade São Bento, o anúncio da pandemia foi visto como uma intervenção divina, uma profecia a ser cumprida e um despertar para as famílias quanto à necessidade de fortalecimento de laços familiares.

Nesse rol de sentimentos e desafios desencadeados pela pandemia, a Vila Queimada, Vila Cumaru e Comunidade São Bento se reorganizaram, cada uma à sua maneira, e traçaram estratégias para escapar da fome e da doença. A agricultura familiar desenvolvida neste período unicamente para subsistência das comunidades foi uma forma de segurança alimentar. Assim, a estratégia para manutenção desta atividade dentro das comunidades em período pandêmico foi a adesão às recomendações dos órgãos de saúde e a produção coletiva. A fabricação de remédio caseiro com uso do conhecimento tradicional foi estratégia para cura da doença e também um produto para venda.

Assim, sob esta considerações, observou que as comunidades pesquisadas revelam entre si traços semelhantes e, ao mesmo tempo, específicos a partir das suas vivências e formas de organização. Contudo, em cada uma delas pode-se notar desafios e potencialidades, e por meio desta, no correr do tempo e dos acontecimentos, a sua maneira se reinventa.

Referências

ABREU, S. M. Uma Península no Marajó. Por: Sebastião Moraes de Abreu.Portel, edição do autor, 2014.

AMADOR DE DEUS, Z. A questão racial no Brasil. In: Anais do Seminário Regionais preparatórios para conferência mundial contra racismo, discriminação racial, xenofobia e intolerância correlata. Organizadores: Gilberto Verge Saboia, Samuel Pinheiro Guimarães. Brasília – Ministério da Justiça, 2001. p. 179-190.

ASCOM PMP. PRAIAS DA ESTRADA DO ACUTIPEREIRA. Disponível em: https://portel.pa.gov.br/o-municipio/turismo-e-lazer/

CARMO. E. D. do. SANTOS, T. S. dos. COSTA, T. L. CULTURA E ARTE RIBEIRINHAS MARAJOARAS: HISTÓRIAS, RESISTÊNCIA E ATUALIDADE NO TERRITÓRIO DAS ÁGUAS E FLORESTAS. In. Rev. Humanidades e Inovação v.7, n.15 – 2020.

CASTRO, A. P. de. et al. A AGRICULTURA FAMILIAR: principal fonte de desenvolvimento socioeconômico e cultural das comunidades da área focal do projeto piatam. In: Comunidades ribeirinhas amazônicas: modos de vida e uso dos recursos naturais / organizadores Therezinha de Jesus Pinto Fraxe, Henrique dos Santos Pereira, Antônio Carlos Witkoski, - Manaus: EDUA, 2007.

CUNHA, M. C. da. "Cultura" e cultura: conhecimentos tradicionais e direitos intelectuais. In: Cultura com aspas. 1ª ed. São Paulo: Cosac Naify, 2009. pp. 311-373.

DIEGUES, A. C. S. O mito moderno da natureza intocada. São Paulo: Ed. Hucitec, 2008.

FASE. Diagnóstico sócio-econômico-ambiental do Rio Acuti-Pereira, Portel, Pará 2006.

FCP. Fundação Cultural Palmares. Mapa de Quilombos – Fundação Palmares, (2016). Disponível em: http://www.ipatrimonio.org/portel-quilombo-cipoal-rio-do-pacaja/#!/map=38329&loc=-1.9273703324804816,-50.813016966904236,17

FERNANDES, J. S. N. MOSER, L. Comunidades tradicionais: a formação sócio-histórica na Amazônia e o (não) lugar das comunidades ribeirinhas. In: Rev. Katál., Florianópolis, v.24, n. 3, p. 532-541, set./dez. 2021.

FRAXE, T. J. P. WITKOSKI, A. C. MIGUEZ, S. F. O SER DA AMAZÔNIA: IDENTIDADE E INVISIBILIDADE. In: Rev. Cienc. Cult. vol.61 no.3 São Paulo, 2009. Disponível em: http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252009000300012

HALL, S. Da Diáspora: identidades e mediações culturais. Tradução: Adelaine La Guardiã Resende et al. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2013.

LIRA, T de M. CHAVES. M. do. P. S. R. Comunidades ribeirinhas na Amazônia: organização sociocultural e política. In: Rev. Artigos Interações (Campo Grande) 17 (1) Jan-Mar, 2016.

SARRAF-PACHECO, A. Diásporas africanas e contatos afroindígenas na Amazônia Marajoara. In: Cadernos de História, Belo Horizonte, v. 17, n. 26, 1º sem. 2016.

PORTEL (município). LEVANTAMENTO DA OFERTA TURÍSTICA DO MUNICÍPIO DE PORTEL. Governo Municipal de Portel Secretaria Municipal de Cultura, Esporte, Lazer e Turismo Diretoria de Turismo. Portel, Marajó, PA, 2012.

PORTEL (município). PLANO MUNICIPAL DE VACINAÇÃO DE PORTEL. Plano Municipal De Operacionalização Da Vacinação Contra A Covid-19. Portel-PA, fevereiro de 2021. Disponível em: https://portel.pa.gov.br/wp-content/uploads/2021/04/Plano-Municipal-da-Vacina%C3%A7%C3%A3o-Contra-Covid-19-V2.pdf

PORTEL (município). HISTÓRIA. Prefeitura Municipal de Portel. s/a. Disponível em: https://portel.pa.gov.br/o-municipio/historia/

PRATES, J. C. O método marxiano de investigação e o enfoque misto na pesquisa social: uma relação necessária. In: Textos & Contextos (Porto Alegre), v. 11, n. 1, p. 116 - 128, jan./jul. 2012

QUIJANO, A. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. En libro: A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas. Edgardo Lander (org). Colección Sur Sur, CLACSO, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina. setembro 2005. p.227-278.

SEVERINO, A. J. Metodologia do Trabalho Científico. 23 ed. rev. e atual. São Paulo: Cortez, 2014.